



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA



NÁDIA ROCHA LEAL

**CASA GRANDE E SENZALA: o mito do bom colonizador e a banalização da  
escravidão na visão harmoniosa de Gilberto Freyre**

PICOS – PI,  
2025

NÁDIA ROCHA LEAL

**CASA GRANDE E SENZALA: o mito do bom colonizador e a banalização da  
escravidão na visão harmoniosa de Gilberto Freyre**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura  
Plena em História, da Universidade Federal do Piauí,  
como requisito para obtenção do título de  
Licenciado(a) em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleyson

PICOS – PI,  
2025

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**L435c** Leal, Nádia Rocha.

Casa grande e senzala: o mito do bom colonizador e banalização da escravidão na visão harmoniosa de Gilberto Freyre / Nádia Rocha Leal – 2025.

41 f.

1 Arquivo em PDF

Indexado no catálogo online da biblioteca José Albano de Macêdo-COINB  
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Curso de Licenciatura em História, Picos, 2025.  
"Orientador: Prof. Dr. Francisco Gleyson."

1. História. 2. Casa Grande e Senzala. 3. Historiografia - escravidão I. Leal, Nádia Rocha. II. Gleyson, Francisco. III. Título.

CDD 981

Elaborada por **Maria Letícia Cristina Alcântara Gomes** - Bibliotecária CRB nº 03/1835



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**Campus Senador Helvídio Nunes de Barros**  
**Coordenação do Curso de História**  
 Rua Cícero Duarte N° 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí  
 Fone: (89) 3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos vinte e três dias do mês de janeiro de dois mil e vinte e cinco, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, às dezoito horas, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **NÁDIA ROCHA LEAL** sob o título: **CASA GRANDE E SENZALA: o mito do bom colonizador e a banalização da escravidão na visão harmoniosa de Gilberto Freyre.**

#### A banca constituída pelos professores:

**Orientador:** Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro

**Examinador 1:** Profa. Me. Nádia Narcisa de Brito Santos

**Examinador 2:** Prof. Ms. Anderson da Silva Machado

Deliberou pela aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 9,0 (nove).

Picos (PI), 23 de janeiro de 2025.

Orientador (a): FRANCISCO GLEISON DA COSTA  
 MONTEIRO:44862385320

Assinado de forma digital por FRANCISCO  
 GLEISON DA COSTA  
 MONTEIRO:44862385320  
 Dados: 2025.05.14 18:06:50 -03'00'

Examinador (a) 1:  Documento assinado digitalmente  
 NADIA NARCISA DE BRITO SANTOS  
 Data: 01/02/2025 15:25:25-0300  
 verifique em <https://validar.it.gov.br>

Examinador (a) 2: *Anderson da Silva Machado*

Dedico este trabalho a minha família, por todo amor e carinho compartilhado.

## AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem o apoio de pessoas especiais que estiveram ao meu lado ao longo dessa trajetória, me apoiando e me incentivado em cada passo da minha jornada.

Primeiramente, agradeço à minha família, meu porto seguro, pelo amor, paciência e incentivo incondicional. Aos meus pais, Eliete e Carlos, minha eterna gratidão por acreditarem em mim e me apoiarem em cada passo. À minha irmã, Naira, pela amizade, compreensão e motivação constantes. Vocês são minha base e inspiração.

Aos meus amigos, Yonara, Jessica, Juliana, Daniela, e ao meu namorado, Kennetty, agradeço pelo companheirismo, pela alegria que trouxeram aos momentos difíceis e pelas palavras de apoio nos momentos que mais precisei. Com o amor, carinho e cuidados de vocês, tornaram essa jornada mais leve e especial.

Agradeço a minha equipe de trabalho e amigos da empresa, minha gratidão pela compreensão e incentivo ao longo desse período desafiador. Em especial, ao gerente Santos, obrigado pela flexibilidade e empatia, que foram fundamentais para que eu pudesse conciliar minhas responsabilidades profissionais e acadêmicas.

Aos professores do curso, agradeço a dedicação ao ensino e pelo impacto positivo que tiveram em minha formação. Em especial, agradeço ao meu orientador, Francisco Gleison da Costa Monteiro, por sua orientação competente, paciência e disponibilidade. Suas palavras de sabedoria e incentivo foram essenciais para a conclusão deste trabalho, não apenas durante a construção desse TCC, mas durante todo o curso sempre foi um exemplo.

Agradeço também aos professores Fernando Muratori Costa e Dalila Silva de Oliveira Lima, pela inspiração e conhecimento transmitidos, que contribuíram de forma significativa para minha jornada acadêmica.

Dedico este trabalho a todos que acreditaram em mim e me incentivaram a persistir. Obrigado por fazerem parte da minha história.

A escravidão permanecerá por muito tempo como a  
característica nacional do Brasil.  
Joaquim Nabuco

## RESUMO

O estudo tem como objeto de estudo a obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, destacando a representação do colonizador brasileiro e a banalização da escravidão presente na obra. Sendo que o foco da pesquisa reside na identificação e desconstrução do mito do bom colonizador que permeia a obra, responsável por trazer uma abordagem harmoniosa da escravidão no Brasil. De maneira que adentra na historiografia brasileira, trazendo discussões sobre as obras contemporâneas que contrastam com a narrativa empreendida por Freyre no clássico. O estudo obteve como resultados que a partir da revisão da literatura historiográfica contemporânea, foi identificada-se esforços significativos para desestruturar o mito do bom colonizador e problematizar a visão de Freyre. Estudos mais recentes enfatizam a necessidade de revisitar a história colonial brasileira com um olhar crítico, reconhecendo a violência, a exploração e a resistência que caracterizaram as relações entre colonizadores, escravizados e indígenas. Assim, revisar a obra de Freyre é indispensável para que se faça jus a formação da identidade brasileira, sendo mais realista com a escravidão e suas consequências.

**Palavras-chave:** *Casa Grande e Senzala*; Historiografia; Bom colonizador; escravidão; banalização.

## ABSTRACT

The object of study is the work *Casa Grande e Senzala* by Gilberto Freyre, highlighting the representation of the Brazilian colonizer and the trivialization of slavery present in the work. The focus of the research lies in the identification and deconstruction of the myth of the good colonizer that permeates the work, responsible for bringing a harmonious approach to slavery in Brazil. In this way, it enters into Brazilian historiography, bringing discussions about contemporary works that contrast with the narrative undertaken by Freyre in the classic. The results of the study were that from the review of the contemporary historiographical literature, significant efforts were identified to destructure the myth of the good colonizer and problematize Freyre's vision. More recent studies emphasize the need to revisit Brazilian colonial history with a critical eye, recognizing the violence, exploitation, and resistance that characterized the relations between colonizers, enslaved, and indigenous people. Thus, reviewing Freyre's work is indispensable to do justice to the formation of Brazilian identity, being more realistic with slavery and its consequences.

**Keywords:** Casa Grande and Senzala; Historiography; Good colonizer; slavery; trivialization.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1-</b> 1ª Edição de Casa Grande & Senzala.....	18
<b>Figura 2-</b> Capa da 2ª Edição de Casa Grande & Senzala.....	21
<b>Figura 3-</b> 90ª Edição de Casa Grande & Senzala.....	24

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 A OBRA DE GILBERTO FREYRE NO CONTEXTO DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: uma perspectiva a partir do mito do bom colonizador e da banalização da escravidão.....</b>	<b>16</b>
<b>3 DESCONSTRUINDO O MITO DO BOM COLONIZADOR: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE FREYRE E OS IMPACTOS DA COLONIZAÇÃO E ESCRAVIDÃO...27</b>	
<b>3.1 Excepcionalismo Português.....</b>	<b>27</b>
<b>3.2 A Violência e a Banalização da Escravidão.....</b>	<b>30</b>
<b>3.3 Desconstruindo o Mito do Bom Colonizador.....</b>	<b>33</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Gilberto Freyre, 1900 a 1987, nasceu em Recife-PE foi um historiador, sociólogo e ensaísta brasileiro. Aprendeu com seu pai, ainda criança, latim e português, estudou no Colégio Americano Batista, no Recife, onde tornou-se bacharel em letras. Aos 17 anos foi para os Estados Unidos, como bolsista, passando a residir no Texas, estudou Artes Liberais e se especializou em Ciências Políticas e Sociais na Universidade de Baylor. Fez pós-graduação na Universidade de Columbia, Nova Iorque, elevando-se ao grau de mestre em Artes. No exterior escreveu artigos para o Diário de Pernambuco, com temas diversos, o que se tornou um hábito que o acompanhou por toda vida (Frazão, 2021).

Ao voltar para o Brasil, em 1926, começou a lecionar Sociologia na Escola Normal de Pernambuco, realizou diversas viagens internacionais, tornou-se técnico do serviço do Patrimônio Histórico Nacional. Nos anos de 1933 a 1937 escreveu três obras relevantes acerca da sociedade patriarcal no Brasil, *Casa Grande e Senzala*, *Sobrados e Mocambos e Nordeste*. Gilberto Freyre continuou a pesquisar e escrever. Contudo, sua obra mais conhecida foi *Casa Grande e Senzala*, publicada em 1933, na qual tratou da questão da miscigenação racial no período colonial brasileiro, explicando a formação social brasileira através da vida nos engenhos, em que romantizou a relação entre colonizadores e colonizados (Frazão, 2021).

O estudo desenvolvido apresenta como tema a obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, destacando a representação do colonizador brasileiro e a banalização da escravidão presente na obra. Sendo que o foco da pesquisa reside na identificação e reavaliação do mito do bom colonizador que permeia a obra, responsável por trazer uma abordagem harmoniosa da escravidão no Brasil.

O estudo se propõe a uma análise crítica da visão do colonizador brasileiro apresentada por Gilberto Freyre em sua obra *Casa Grande e Senzala*, na qual foi construído o mito do bom colonizador e que acabou se propagando pela influência da obra, trazendo uma visão harmoniosa da escravidão, cuja representações históricas e estudos sobre os temas mais atuais questionam.

*Casa Grande e Senzala* teve um papel importante na historiografia brasileira, buscando a narrativa sob a ótica da mestiçagem e da harmonia cultural, tornou-se referência historiográfica nacional e influenciou a compreensão da sociedade brasileira, bem como da colonização portuguesa. No entanto estudos sobre a temática demonstram que a obra de Freyre trouxe uma idealização do colonizador e minimizou a violência da escravidão (Santos; Rocha; Carvalho, 2016). De modo que esse estudo traz uma discussão pautada nessa nova perspectiva historiográfica, focando nos novos estudos, apresentando como eles contribuem para uma visão mais profunda da escravidão no Brasil.

De modo que a convivência entre colonizadores e colonizados não era pacífica. A visão que em Freyre permite a construção de uma imagem romantizada sobre a colonização portuguesa no Brasil, um mito que reverberou na compreensão da formação sociocultural do país e que acabou por omitir aspectos críticos da colonização (Ferreira, 1996).

Assim, a pesquisa se situa no contexto da historiografia brasileira, especialmente no período em que Gilberto Freyre escreveu sua obra, entre as décadas de 1920 e 1930, de modo que se torna relevante averiguar como a visão do autor contribuiu para a construção de uma narrativa idealizada do colonizador que negligenciava aspectos críticos a respeito da colonização e da escravidão. Portanto, a pesquisa se situa no campo da historiografia brasileira, em que se faz importante explorar as nuances da produção intelectual do período.

Dessa forma, o recorte temporal a ser trabalhado abrange as décadas de 1920 a 1930, considerando que o Brasil passou por transformações sociais e culturais significativas nesse período, mostrando-se relevante observar quais circunstâncias históricas moldaram a perspectiva de Freyre e influenciaram a sua interpretação a respeito da colonização e escravidão.

Desse modo, algumas questões norteadoras se apresentam a pesquisa: Como a obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre constrói a imagem do colonizador brasileiro? Qual o impacto da visão harmoniosa de Freyre na banalização da escravidão e minimização de seus efeitos negativos? Como a historiografia contemporânea contesta a interpretação de Freyre sobre a colonização e a escravidão? Por que é relevante revisitar a interpretação de Gilberto Freyre sobre a colonização e a escravidão? Quais elementos da obra *Casa Grande e Senzala* demonstram a banalização da escravidão? Qual é a importância deste clássico para a historiografia?

Neste contexto o estudo tem como objetivo geral realizar uma análise crítica da obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, observando como o mito do bom colonizador e a banalização da escravidão encontram-se presentes nesta, ressaltando como essas representações influenciam a construção da identidade nacional brasileira.

Seus objetivos específicos consistem em: analisar a construção do mito do bom colonizador na obra de Gilberto Freyre, destacando os elementos e argumentos que promovem essa visão idealizada acerca da colonização portuguesa no Brasil; investigar a abordagem de Gilberto Freyre em relação à escravidão e como autor harmoniza a instituição deste regime no Brasil e minimiza seus impactos e discutir novas abordagens historiográficas a respeito da colonização no Brasil e da escravidão e como estas colaboram para o olhar crítico em relação à obra de Gilberto Freyre.

A relevância deste estudo constitui-se nas lacunas existentes na historiografia brasileira, mediante percebe-se na busca por estudos amplos, na necessidade de abordar a escravidão no Brasil em todos os seus aspectos, desvelando e desconstruindo o mito do bom colonizador para que a violência e a brutalidade com que a escravidão foi empreendida no Brasil não seja banalizada, em que considera-se que elementos que permeiam a interpretação de Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* influenciaram a construção da identidade nacional brasileira e, por isso, necessitam ser revistos e debatido.

A relevância científica do trabalho consiste em desafiar uma interpretação histórica que foi moldada sobre o Brasil, a relação entre colonizadores e colonizados, a mestiçagem e principalmente a escravidão, o que colaborou para a perpetuação de estereótipos, o que traz atenção para a necessidade de produções historiográficas contemporâneas que possam contrastar com a obra *Casa Grande e Senzala*, enriquecendo o entendimento a respeito da história brasileira.

No que diz respeito ao campo social, a pesquisa é indispensável para desmistificar narrativas a respeito da escravidão e da mestiçagem no Brasil, questionando a visão harmoniosa de Freyre da relação entre colonos e colonizados, promove uma compreensão mais precisa das heranças históricas que ainda incidem na sociedade contemporânea. De maneira que uma análise desta forma contribui para um diálogo sobre justiça social e equidade e a necessidade de buscar aprimorar os conhecimentos constantemente, sendo essencial o papel do historiador em debruçar-se sobre livros, sobre fontes históricas diversas e buscar trazer novos elementos que ajudem ao olhar para o passado e compreender o presente.

Quanto as motivações pessoais e acadêmicas para a escolha do tema está o interesse pelo entendimento da história e por uma análise das narrativas que moldam a sociedade, em

que os estudos sobre a obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, e de suas consequências e representações foi uma das questões que mais chamou a atenção durante os períodos de graduação acadêmica, acreditando que analisar esta obra ajuda no avanço do conhecimento e também observar qual o papel dos clássicos no estudo da sociedade brasileira e a importância de contestá-los, sabendo que não há uma verdade absoluta e que é preciso olhar para a história de todos os sujeitos.

De modo geral a pesquisa visa contribuir ainda mais com o conhecimento a respeito da história brasileira e da construção da identidade nacional questionando o mito do bom colonizador, a banalização da escravidão. O estudo coloca em pauta o estado da arte sobre a temática na historiografia contemporânea e enriquece o entendimento da sociedade brasileira e de suas raízes históricas.

A metodologia da pesquisa corresponde as técnicas capazes de possibilitar a compreensão da problemática a ser investigada. Considerando que esse trabalho se propõe a analisar criticamente a obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, realizar-se junto a análise da obra uma pesquisa bibliográfica.

De acordo com a abordagem do problema, a pesquisa é qualitativa e considera que este trabalho “se dedica ao estudo de fenômenos em que a quantificação não é apropriada; ou em que não seja conveniente reduzir o objeto estudado a variáveis e padrões de medida, seja por natureza particular ou sua especificidade” (Birochi, 2015, p. 54).

Conforme Godoy (1995, p. 21) “Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.” Ou seja, para uma análise mais dinâmica do fenômeno, diversos tipos de dados são coletados e analisados dentro de um amplo contexto.

Quanto aos procedimentos, a metodologia utilizada nesta pesquisa, que pretende uma abordagem qualitativa, constituindo-se em uma pesquisa bibliográfica, ocorrerá através da consulta em artigos científicos, monografias, livros e dados coletados na internet.

Nesse sentido, através da organização metodológica destacada, será possível desenvolver uma investigação relevante e coerente, que culmine em uma descrição científica, onde seja possível compreender os aspectos acerca do mito do bom colonizador, banalização da escravidão e formação da identidade nacional brasileira a partir da obra de Freyre.

Desse modo a pesquisa faz uma análise documental, que se trata do livro *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, principal fonte da pesquisa. Realiza uma pesquisa bibliográfica fazendo um levantamento em uma análise de trabalhos acadêmicos, artigos e livros que se relacionam a historiografia brasileira e proporcionam uma contextualização mais

ampla, identificação de debates e perspectivas alternativas. Desse modo, realizam análise entre a visão de Freyre e interpretações contemporâneas a respeito da colonização e escravidão no Brasil apontando convergências e divergências.

O estudo também traz uma contextualização histórica observando as condições socioculturais e intelectuais das décadas de 1920 a 1930 quando foi escrito o *Casa Grande e Senzala*, utilizando fontes históricas para compreender como as influências dessa época moldaram a perspectiva de Freyre.

Sob essa perspectiva, as obras utilizadas são, além de *Casa Grande e Senzala*, obras de autores como Caio Prado Júnior e Laura de Mello e Sousa, que trazem críticas sobre a colonização e a escravidão no Brasil. Através desta aplicação metodológica, por meio da análise das fontes, é possível compreender de maneira crítica a obra de Gilberto Freyre e as representações históricas nela retratada, bem como sua relevância na construção da identidade brasileira.

O primeiro capítulo desse estudo traz um olhar sob a obra de Gilberto Freyre inserida no contexto da historiografia brasileira, adentrando no fato de que a obra *Casa Grande e Senzala* promove a banalização e constrói o mito do bom colonizador. Portanto, o capítulo explora a trajetória de Gilberto Freyre, sua formação acadêmica, as influências intelectuais e a relevância de seu trabalho na historiografia brasileira. A forma como Gilberto Freyre moldou sua interpretação sobre a colonização portuguesa no Brasil e a formação da identidade nacional, trazendo aspectos como a miscigenação e a convivência entre diferentes culturas, assim como o impacto de sua obra na percepção histórica e cultural do Brasil, são questões levantadas neste capítulo.

O estudo adentra, também, na narrativa desenvolvida por Freyre em *Casa Grande e Senzala*, que apresenta o colonizador português de forma harmoniosa e paternalista. De modo que os aspectos que Freyre traz em sua obra que romantiza a relação entre colonizadores e colonizados, são apresentados, pois estes contribuem para a construção do mito do bom colonizador. Os argumentos e elementos utilizados por Freyre para promover essa visão idealizada da colonização portuguesa no Brasil são abordados, assim como essa narrativa influenciou a historiografia e o imaginário coletivo brasileiro.

Assim, o primeiro capítulo contextualiza a obra de Gilberto Freyre dentro da historiografia brasileira, explorando sua trajetória intelectual e analisando como *Casa-Grande & Senzala* contribui para a construção do mito do bom colonizador ao romantizar a relação entre colonizadores e colonizados.

No segundo capítulo uma percepção mais crítica da obra de Freyre será desenvolvida, em que se busca observar essa visão harmoniosa de Freyre sobre a colonização em contextualização com a banalização da escravidão. Em que se fundamenta em estudos recentes, em novas abordagens para reavaliar a obra de Freyre, com uma abordagem crítica das relações de poder no processo de colonização e os impactos sociais da escravidão. Buscando, assim, desconstruir o mito do bom colonizador e destacar os aspectos de violência e opressão que caracterizam a colonização portuguesa no Brasil.

O segundo capítulo adota uma perspectiva crítica da obra de Freyre, confrontando sua visão harmoniosa da colonização com estudos recentes que evidenciam a banalização da escravidão e as relações de poder, visando desconstruir o mito do bom colonizador e destacar a violência e opressão inerentes ao processo colonial.

## **2 A OBRA DE GILBERTO FREYRE NO CONTEXTO DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA: uma perspectiva a partir do mito do bom colonizador e da banalização da escravidão**

O presente capítulo objetiva contextualizar a obra de Gilberto Freyre na Historiografia brasileira, destacando a forma como ele construiu a imagem do bom-colonizador português. Empenha-se em analisar como o mito do bom colonizador contribuiu para uma visão errônea e banal da escravidão.

Assim, esse capítulo se baseia em estudos como de Marcos Cezar de Freitas (2005) para falar da Historiografia brasileira, Moscatelli (2000) para falar da obra de Gilberto Freyre, dentre outros, assim como o próprio Freyre com a obra *Casa Grande e Senzala*.

### **2.1 Historiografia Brasileira e a Obra de Freyre**

Para preservar e interpretar a história do Brasil é de grande relevância o papel da Historiografia brasileira, que tem em seu cerne estudos e registros que ajudam a compreender a formação da sociedade brasileira. Entre os clássicos da historiografia nacional a obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre aparece com um impacto significativo na construção da identidade nacional brasileira a partir da compreensão da colonização portuguesa.

De forma que neste capítulo, faz uma discussão da figura de Gilberto Freyre, de sua contribuição para a historiografia brasileira, trazendo ênfase na construção do mito do bom colonizador e na abordagem harmoniosa da escravidão em sua obra. O capítulo se divide em 2 itens, em que o primeiro analisa a trajetória de Freyre e sua influência intelectual a partir de uma discussão contextualizada com a Historiografia brasileira e o segundo sobre a construção da imagem idealizada do colonizador português e o impacto dessa narrativa na percepção histórica do Brasil a partir do mito do bom colonizador.

Gilberto Freyre nasceu em 15 de março de 1900 em Recife, Pernambuco, veio a se tornar um dos mais influentes intelectuais do século XX no Brasil, nos Estados Unidos formou-se em ciências políticas e sociais, tendo sido fortemente influenciado pelas teorias sociológicas e antropológicas de seu tempo, as ideias de Franz Boas que enfatizam a importância da cultura na formação das sociedades foram acatadas por Freyre e permeou sua obra (Cordeiro, 2022).

Quando falamos em Historiografia brasileira estamos nos referindo a um conjunto de estudos realizados acerca da história do Brasil, registros que devem ser guardados para que a

História do Brasil seja preservada. No texto de Marcos Cezar de Freitas (2005) *Para Uma História Da Historiografia Brasileira* traz um olhar sobre a Historiografia do Brasil e o papel do historiador. Por isso, trazemos alguns trechos considerados mais relevantes do estudo de Marcos Cezar de Freitas (2005) para melhor compreender o assunto:

A historiografia por sua vez, pode ser entendida como universo similar à postura de Santa Sofia de La Piedad, ou seja, com indiferença ao fato de que muitos olhares vislumbram a mesma coisa, confirma duas hipóteses que acompanharam como sombra as fantásticas personagens da cidade de espelhos 1) há sempre um novo olhar sobre cotidiano o que impede que o mesmo se repita, mesmo que analisado no passado, quando já sabe (?) o que se passou [...] A Historiografia quer oferecer-se para dirigir olhares no visto, encarecendo-lhes; “olhem novamente”. Em contraposição a essa hipótese: repetição; o que percebe: a ruptura quando ela falseou a realidade e tornou persistência, continuidade [...] (Freitas, 2005, p. 9).

Na perspectiva de Freitas (2005) a historiografia pode conceber a si mesma, junto a prática de historiadores, no fluxo que essa segue como o espaço investigativo no qual até o simulacro consegue trazido à luz com grandeza e reconhecimento. Nesse contexto olha para obras clássicas da historiografia brasileira, uma delas é *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, em que destaca:

[...] a abordagem de Freyre valoriza, sobretudo, o aporte cultural africano, destacando-lhe o caráter positivo e mostrando que quanto se imputou como traço negativo dizia respeito antes da escravidão. De *Casa Grande & Senzala* caberia ressaltar que não se trata de estudo sistemático sobre o período colônia, mas de miscelânea iluminada sobre história do Brasil até o final do século XIX (2005, p.9).

Pelo exposto Freyre destacou o caráter positivo do legado do trabalho escravo no Brasil, em que o autor procurou abordar a miscigenação cultural como força formadora da identidade nacional.

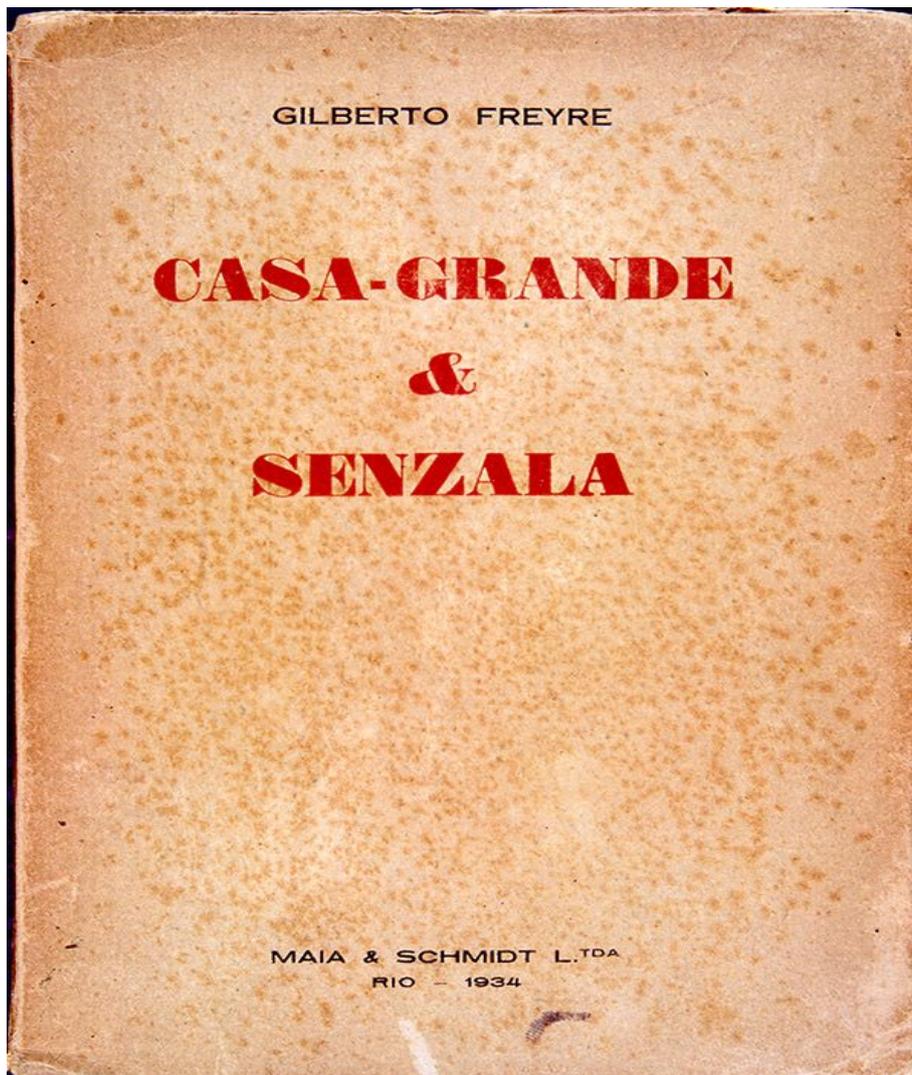
Quintas (1970) ressaltou que o aparecimento do livro *Casa Grande e Senzala* de um jovem escritor pernambucano que estudou em universidades norte-americanas, chegando ao doutorado ressignificou a história dos estudos sociais em geral e a historiografia brasileira, uma obra grandiosa que projetaria de forma ampla a interpretação do passado brasileiro.

Ainda na percepção de Quintas (1970) *Casa Grande e Senzala* era uma sólida tentativa e a maior no contexto da Historiografia brasileira de tirar de sua história as preocupações puramente cronológicas ou episódicas como era essas seções de guerras e revolta, mas buscando compreender fatores menos brilhantes e ostensivos, porém com uma

profundidade intensa no estudo da formação brasileira. Essa obra valorizava anúncios e notícias de jornais e significando a história social brasileira, atentava-se para a culinária e vestuário algo que não se via no desenvolvimento de trabalhos históricos acerca do Brasil. Gilberto Freyre, assim, trazia de modo expressivo a formação brasileira a especialidade do Nordeste brasileiro com foco na cana-de-açúcar e no agrário. Com uma sobrecarga de documentos Freire estaria fazendo uma renovação científica no campo da História, trazendo uma nova perspectiva ao estudo e interpretação do passado brasileiro, criando um estilo literário, conciliando história-arte e a história-ciência. De modo que Quintas (1970) ressalta este livro como marco da historiografia brasileira e o verdadeiro iniciador da moderna história social e cultural do país, levando a formação de uma verdadeira escola de investigação do passado brasileiro.

Assim, publicada em 1933 *Casa Grande e Senzala* se tornou um marco na interpretação das relações raciais e sociais no Brasil colonial, trouxe uma perspectiva inovadora para o seu tempo, mas depois constituiu-se um objeto de críticas e revisões. Na imagem abaixo observamos a capa da 1ª Edição de Casa Grande & Senzala.

Figura 1- 1ª Edição de Casa Grande &amp; Senzala



Fonte: <https://memorialdademocracia.com.br/card/gilberto-freyre-lanca-casa-grande-senzala>

De acordo com Fontella e Farinatti (2008) a obra de Gilberto Freyre é complexa, pois trata da participação do escravo negro na formação da sociedade brasileira, sendo que Freyre tomando por base suas ideias culturalistas e conceitos de patriarcalismo e miscigenação harmoniosa valorizou a influência do negro cativo, no entanto o apresentou como um agente histórico passivo, de modo que a historiografia do escravo real se opõe a esta ideia defendida e apresentada por Freyre em sua obra, fazendo com que no contexto da historiografia ocorram debates polêmicos sobre a influência da obra de Freyre.

Dentro da Historiografia brasileira até o lançamento de *Casa Grande e Senzala* as vertentes historiográficas hegemônicas eram influenciadas pelas teorias lógicas. Na segunda metade do século XIX e início do século XX Freyre valorizou a miscigenação e a colocou como ponto central de sua análise, em que buscava findar com a inferioridade da população negra e mulata brasileira, sendo otimista quanto ao passado brasileiro, com o intuito de

repensar o processo histórico brasileiro imprimindo uma visão antropológica que tinha interesse em inserir as parcelas sociais subalternas como os mestiços, negros imigrantes, homens livres e pobres em um contexto social mais complexo, enfatizou a ação do cotidiano da família rural e formulou através de novas fontes, que até então eram desprezadas, uma história social econômica e mental por meio de uma visão luso-brasileira. Acreditando que a historiografia brasileira sobre a escravidão teve origem efetiva a partir de *Casa Grande e Senzala* (Fontella; Farinatti, 2008).

No entanto, a análise da obra de Freyre mostra que mesmo que o autor reconhecesse e admirasse a influência de escravos negros na sociedade colonial os considerava, assim como os indígenas, como sujeitos históricos que apenas foram passivos e mecânicos no sistema social e econômico que se construía no Brasil, portanto não reconhece os sujeitos como históricos ativos, estes não conseguiriam influenciar o processo histórico. Acreditou em uma escravidão consensual entre senhores e escravos e chegou até mesmo a enfatizar que muitos negros desfrutavam desta escravidão com alegria. “A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos.” Nesse trecho, por exemplo, o autor sugere uma proximidade e interação entre senhores e escravos que, segundo ele, teria suavizado as relações sociais. É importante notar que essa perspectiva tem sido amplamente debatida e criticada por historiadores e estudiosos contemporâneos, que apontam para a romantização e a minimização das violências inerentes ao sistema escravocrata brasileiro.

Segundo de Freirecatteli (2000) uma obra clássica da historiografia brasileira é *Casa Grande e Senzala*, sobre a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, de Gilberto Freyre que tem sido uma obra bastante problematizada, novos estudos têm surgido acerca da colonização e das interações entre os povos. Enquanto Freyre abordou de forma romantizada os momentos da colonização, o autor apresenta o colonizador como salvador e não destaca aspectos que marcam confronto com os escravos negros e com os indígenas. (Moscatteli, 2000).

*Casa Grande e Senzala* propõe interpretação das relações entre senhores e escravos no Brasil colonial, a mestiçagem aparece como um elemento central na formação da identidade brasileira, em que Freyre argumenta que a convivência íntima entre brancos negros e indígenas, mesmo que marcada pela desigualdade gerou um processo de democratização racial muito particular ao Brasil.

Em conformidade com Freyre (1933) casa grande, onde residiu senhores engenhos, e a senzala, que era a habitação dos escravos, constituíam-se em um centro de um complexo

sistema social em que diversos elementos culturais se misturavam, em uma interação que produzia uma sociedade mestiça, caracterizada pela capacidade de adaptação e convivência entre as diferentes raças e culturas.

A visão que Gilberto Freyre trouxe marcou de maneira profunda a identidade nacional brasileira, a forma como ela foi concebida nas décadas subsequentes. Freyre apresentou uma visão muito otimista das relações raciais no Brasil, esta entrava em contraste com as narrativas mais críticas de violência e exploração que eram características do sistema escravista, uma obra que acabou por ser fortemente criticada pela forma como suavizava as realidades brutais da escravidão, idealizando as relações entre os senhores e escravos, construindo o mito do bom colonizador, responsável por banalizar a escravidão no território brasileiro.

## **2.2 O Mito do Bom Colonizador e a Banalização da Escravidão**

O clássico historiográfico que é *Casa Grande e Senzala* traz um olhar sobre as relações entre colonizador e colonizado, abordando, assim, as relações sociais no Brasil Colônia, o livro dá grande valor a mestiçagem, que até então não recebia valor nas obras escritas e destacou o negro e como ele contribuía para a história do Brasil. O autor procura mostrar como a hibridação da sociedade portuguesa facilitou a mestiçagem para a origem do brasileiro, ele observa também a origem do português para que possa ir destacando o processo de formação do Brasil, pois no mesmo se estalou uma estrutura pronta e acabada (Souza, 2000).

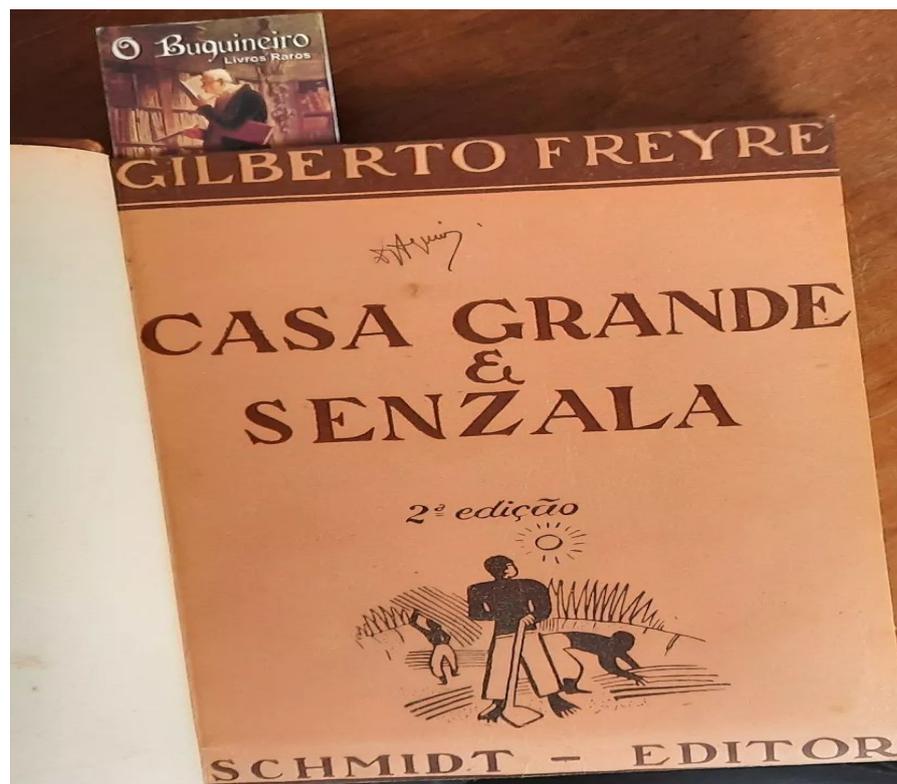
Freyre apresenta um Brasil escravocrata e paternalista, partindo de uma organização econômica e civil na sociedade brasileira instalada em 1532, era também uma sociedade agrária e de exploração econômica, uma sociedade que se desenvolveu através da consciência de raça e trazendo para as terras colonizadas seus considerados indivíduos de valor, guerreiros, administradores e técnicos, para que pudesse se prosperar estabelecendo total controle português sobre o território colonizado (Souza, 2000).

No território brasileiro, o colonizador encontrou forma de riqueza à custa do trabalho de escravo, mostrando o a perversão do instinto econômico dos colonizadores. A colonização do Brasil, conforme Freyre (1933), não foi composta apenas pelos escravos e pelos indivíduos de valor que vieram para as terras fazer com que os negócios prosperassem, mas também homens que foram atraídos pela promessa de uma vida livre e se estabeleceram por gosto.

Ainda Freyre (1933) a verdadeira formação social do Brasil se processa de 1532 em diante, tendo a família rural ou semirural por unidade, por pessoas casadas que vieram do reino, como por união de colonos com mulheres caboclas ou órfãs. Nessa conjuntura, Freyre (1933) não discute o Brasil na perspectiva das lutas de classe, mas vê a formação do Brasil, através das relações cotidianas que se desenvolveram.

Olhando nesta perspectiva, percebe-se que os clássicos têm grande relevância, mas que surgem nos estudos mais atuais sempre elementos novos, que fazem ser necessário o debate em torno destes clássicos, considerando características, sociais, culturais, econômicas, intelectuais, visualizando conflitos de classe, formação da sociedade brasileira, como se mostra necessário ao texto de Freyre, por isso é necessário debater os clássicos historiográficos, aproveitando todos os elementos que permitem observar os processos que formaram a sociedade brasileira, questionando, problematizando, confrontando com os novos estudos (Moscatelli, 2000).

**Figura 2-** Capa da 2ª Edição de Casa Grande & Senzala



**Fonte:** [https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1768526415-casa-grande-e-senzala-gilberto-freyre-2-edicao-JM?utm\\_source](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1768526415-casa-grande-e-senzala-gilberto-freyre-2-edicao-JM?utm_source)

Desde sua publicação inicial em 1933, Casa-Grande & Senzala passou por diversas edições. A 51ª edição foi lançada pela Editora Global, e em 2023, para celebrar os 90 anos da

obra, uma edição comemorativa foi publicada, incluindo um posfácio da historiadora Mary Del Priore e um caderno iconográfico adicional.

As diferenças entre as edições geralmente envolvem elementos complementares, como prefácios, posfácios e materiais iconográficos, enquanto o texto principal de Gilberto Freyre permanece inalterado.

O mito do bom colonizador e a banalização da escravidão ainda se perpetuam na atualidade no ensino de História em Portugal, por exemplo, como mostrou uma pesquisa publicada na BBC, matéria de Barrucho (2017) essa visão acerca da colonização e escravidão é apresentada nos livros didáticos que chegam às escolas do país. Assim, em Portugal buscam silenciar a escravidão, de modo que tratam esta de maneira superficial, inclusive apontam que os negros tivessem optado pela emigração e não sido levados à força, construindo um discurso sobre os personagens e os acontecimentos que não condizem com a realidade, mais uma vez trabalhando a sua mentalidade colonial, trazendo pontos da memória que são invariáveis contados de outra forma, utilizando-se da memória como apresenta Pollak (1992) como fenômeno social e coletivo em construção e passando por mudanças para se adequar aquilo que se deseja repassar.

Segundo Borelli (2018) no Jornal Gazeta em Portugal o mito do bom colonizador ainda é ensinado nas escolas, enfatizando que os colonizadores foram heróis que levaram a luz ao mundo, seus livros escolares apresentam o colonizador como um ser benevolente, naturalizam a escravidão, apontando como um sistema inevitável.

E observando essa realidade é preciso realizar um debate acerca dessa visão e observar se a mesma permanece na historiografia brasileira ou se foi superada, sendo que conceitos e metodologias, aspectos marcantes da colonização da América Portuguesa devem ser repassados nos cursos de História para que a formação dos docentes tenha uma evolução marcante e supere a visão romântica que se tem repassado acerca da colonização da América por Portugal, podendo problematizar essa questão em toda a sua grandiosidade.

Nessa perspectiva, notando a Historiografia brasileira, percebemos que em alguns momentos a colonização foi também romantizada como por Freyre em *Casa Grande e Senzala*, onde o autor apresenta o colonizador como salvador e não destaca aspectos que marcam confronto com os escravos negros e com os indígenas. Laura de Mello e Souza (2006) analisa a política na administração colonial e seus problemas e nesse contexto destaca que foram difundidas ideias benéficas acerca da colonização, enaltecendo europeus, sem destacar a opressão aos povos negros ou aos indígenas, a autora destaca, em outro estudo

acerca de feitiçaria e religiosidade, que para justificar a cristianização denegriu-se os homens autóctones e ao denegri-los, justificou-se a escravidão.

Assim, podemos observar que na Historiografia brasileira a visão um tanto harmoniosa da colonização e da escravidão, como viu Freyre (1933), vem sendo problematizada pelos historiadores, novos estudos têm surgido acerca da colonização e das interações entre os povos, estudos antropológicos têm dado ênfase a questão racial, assim permite que melhor seja compreendida o homem europeu na América Portuguesa e a realidade de sua relação com os povos autóctones e com a escravidão.

Autores como Caio Prado Junior (1942) e Novais (1979) colaboram para um olhar diferenciado sobre a obra de Freyre, em que Caio Prado Júnior (1942) aborda uma perspectiva de Antigo Sistema Colonial, estabelecendo uma relação entre opressor e oprimido, no caso assumem respectivamente as posições Portugal e Brasil, o primeiro por ser metrópole e a segunda por ser colônia, nessa relação a um desprezo de Portugal pela Colônia, por não se interessar pelo território, mas sim pela economia. Novais (1979) segue a mesma corrente de Caio Prado Junior (1942), também destacando a superioridade da metrópole sobre a colônia, mostrando que a metrópole era opressiva e dominante, enquanto as colônias serviam para garantir sua autossuficiência.

Destarte, um dos aspectos mais controversos de *Casa Grande e Senzala* é a construção do mito do bom colonizador, os portugueses colonizadores foram descritos na obra como figuras paternalistas, de modo que seus escravos eram tratados com uma benevolência relativa se comparados aos colonizadores de outras nações europeias. A obra de Freyre permeia a ideia de que a colonização portuguesa no Brasil foi marcada por uma maior flexibilidade cultural e por um convívio íntimo com os povos indígenas e africanos.

Nesse sentido, Freyre inovou na produção historiográfica pelo fato de que sua narrativa ressaltava a complexidade das interações culturais, contudo ela minimizou a violência e a exploração que são características da colonização e da escravidão no Brasil, ao passo que os senhores de engenho eram apresentados praticamente como pessoas boas, que a gestão tinha aspectos positivos e que conviviam bem com os escravos, ao contrário de evidências históricas que apontam para uma realidade cruel e opressiva marcada pela violência psicológica e física constante na vida dos escravos (Souza, 2000).

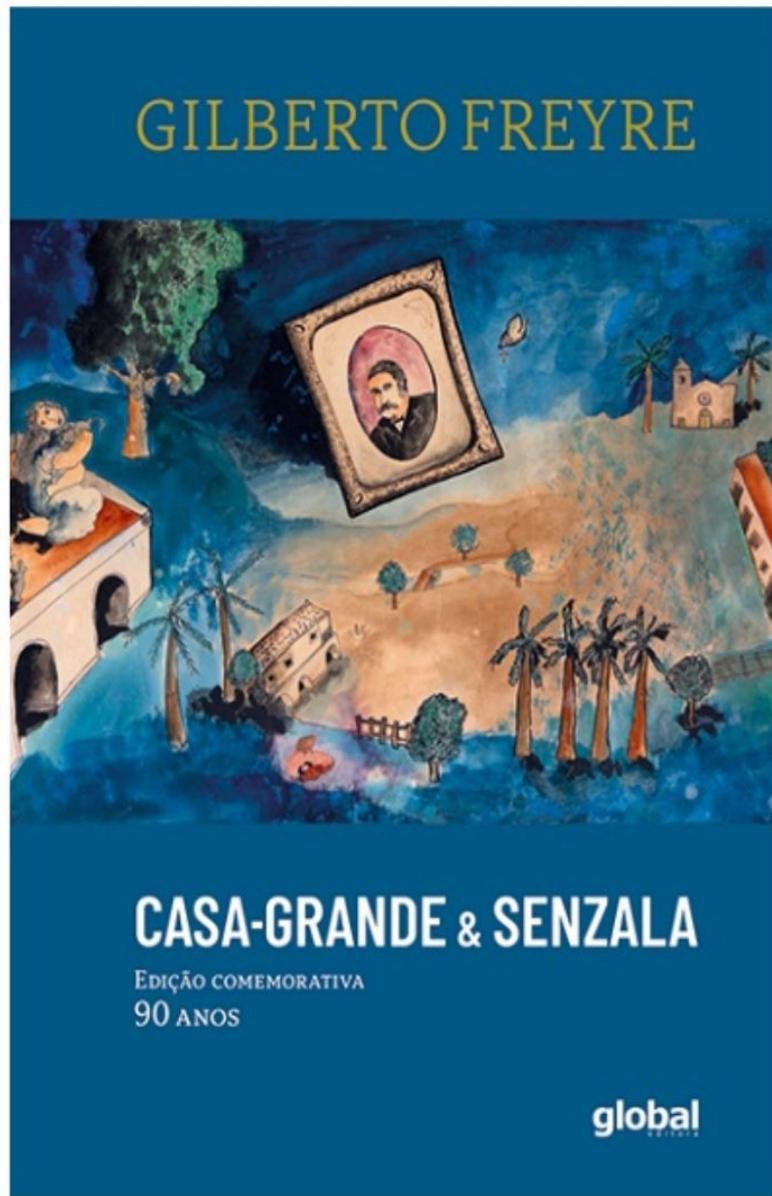
A obra de Freyre acabou por contribuir com a construção de uma imagem idealizada do passado colonial brasileiro, o mito do bom colonizador influenciou a percepção histórica e cultural do país, uma visão que contribuiu para a formação de uma identidade nacional que

celebra a mestiçagem e a convivência racial, mas ao mesmo tempo deixa de apresentar as desigualdades e as injustiças do sistema escravista.

De modo que muitas críticas contemporâneas têm sido direcionadas a obras de Freyre, enfatizando a necessidade de revisar e contestar sua narrativa, pois as pesquisas mais recentes destacam a resistência dos escravos, que o sistema colonial era marcado por uma violência estrutural e que as desigualdades raciais no Brasil permaneceram mesmo após a abolição. São abordagens que desafiam a romantização presente na obra de Freyre.

O livro tem muita influência ainda na contemporaneidade, sendo lido por historiadores, sociólogos, pesquisadores diversos e interessados pela temática, de modo que em 2023 a 90ª edição foi publicada:

**Figura 3-** 90ª Edição de Casa Grande & Senzala



**Fonte:** [https://fgf.org.br/loja/produto/casa-grande-senzala-edicao-90-anos/?utm\\_source=chatgpt.com](https://fgf.org.br/loja/produto/casa-grande-senzala-edicao-90-anos/?utm_source=chatgpt.com)

Evidencia-se, assim, que *Casa Grande e Senzala* teve um impacto profundo na historiografia brasileira e na maneira como a identidade nacional foi percebida, construída e repassada as suas interpretações e reflexões sobre a mestiçagem, a convivência cultural levaram a construção do mito do bom colonizador, idealizaram as relações entre senhores e escravos, aspectos que foram revisados e que continuam sendo bem criticados, a medida que fontes históricas, como mostram, Schwarcz (2022) e Souza (2006) que a escravidão brasileira foi marcada por violência e resistência. De modo que o capítulo 2 adentra, em uma análise

mais profunda acerca da banalização da escravidão na historiografia brasileira, tendo como foco a obra construída por Freire, mediante o mito do bom colonizador.

Apesar de sua inegável influência na historiografia brasileira, "Casa-Grande & Senzala" deve ser lida com um olhar crítico. A obra de Freyre apresenta uma visão rica e inovadora sobre a formação da sociedade brasileira, mas sua abordagem suaviza a brutalidade da escravidão e contribui para a perpetuação de um mito que mascara as relações de poder e violência existentes no período colonial. Essa dualidade faz com que a obra seja, simultaneamente, um marco e um ponto de controvérsia no estudo da história do Brasil.

### 3 DESCONSTRUINDO O MITO DO BOM COLONIZADOR: UMA ANÁLISE CRÍTICA DE FREYRE E OS IMPACTOS DA COLONIZAÇÃO E ESCRAVIDÃO

A interpretação de Gilberto Freyre sobre a colonização portuguesa no Brasil tornou-se uma das mais influentes na historiografia nacional, frequentemente ela foi associada à construção do chamado “mito do bom colonizador”. *Casa-Grande & Senzala*, obra clássica de Freyre retrata a colonização como um processo marcado por um suposto “excepcionalismo português”, uma visão que se fundamenta na habilidade dos portugueses na adaptação aos trópicos, bem como na formação de relações interculturais, que seria proveniente de uma sociedade miscigenada, que no entendimento repassado por Freyre era harmônica.

A produção historiográfica contemporânea tem apresentado leituras críticas que confrontam a visão construída na obra de Freyre, pois conseguem destacar os aspectos de violência, exploração e desumanização que se fizeram presentes no processo colonial e que são marcas deste. Para Freyre as características gerais da colonização portuguesa no Brasil é a formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida.

De modo, que esse capítulo se dedica a buscar desconstruir o mito do bom colonizador a medida que contextualiza a obra de Freyre com base em estudos contemporâneos e abordagens que destacam as relações de poder e os impactos sociais da escravidão no Brasil.

#### 3.1 Excepcionalismo Português

Em *Casa Grande & Senzala* Gilberto Freyre destaca a flexibilidade dos portugueses em sua relação com os povos colonizados, empreende uma apresentação das relações entre colonizadores e colonizados em que a miscigenação cultural e biológica foi uma característica singular da colonização luso-brasileira. Freyre aborda que essas relações criaram uma identidade nacional marcada pela integração entre europeus, africanos e indígenas, responsável por estabelecer as bases de uma sociedade tropical "sincrética". Por exemplo, Freyre destacou “A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala”.

Ou seja, Freyre argumentou sobre a existência de uma sociedade que foi formada pela fusão de diferentes elementos culturais, religiosos e étnicos em um contexto geográfico tropical, em que indígenas, portugueses e africanos interagiam, de forma que misturavam-se

geravam novas formas culturais e sociais únicas, o convívio entre culturas tão distintas davam origem a miscigenação. Trazendo aqui uma ideia de sincretismo, integração, harmônico.

Porém, críticos apontam que essa interpretação romantiza a exploração colonial ao minimizar os efeitos da violência estrutural e da escravidão. Nesse sentido Schwarcz (2002), na obra *Retrato em Branco e Negro* traz uma contraposição a essa visão, destacando que a miscigenação era fruto muito frequentemente de relações coercitivas, muitas vezes violentas, no contexto de um sistema escravocrata.

Na leitura de Freyre (1933) é possível observar a tese do luso-tropicalismo, em uma interpretação única, em que Freyre afirma que os portugueses tinham flexibilidade cultural, isso os capacitava para adaptar e interagir de maneira única com povos e culturas tropicais. A capacidade de adaptação levou a miscigenação cultural e biológica, considerada por Freyre a base da sociedade sincrética que se formou no Brasil.

*Casa Grande & Senzala* traz uma narrativa do contato entre portugueses, africanos e indígenas de forma harmônica, construindo um espaço para mesclar culturas, com formas únicas de expressão cultural e social, em espaço em que se fundiram os favoreceu o sincretismo. Essa perspectiva, que celebra a miscigenação como um dos elementos centrais da identidade nacional brasileira. Freyre (1933) traz um colonizador dotado de sensibilidade, se adaptando as novas terras e aos seus moradores primitivos, em um processo de miscigenação que não era desintegradora, mas criadora de novas formas culturais e sociais.

Nesse sentido, Pinto (2009, p. 6) destaca:

Para Gilberto Freyre, tanto o negro africano como o índio foram, no Brasil, elementos que civilizaram o branco português e este na sua "intrínseca" aclimatabilidade, no amalgamento inter-racial, logo deixou de ser português para tornar-se luso-brasileiro. O português para Freyre já era um mestiço em Portugal; dessa maneira, por essas condições inatas, jamais poderia se desenvolver historicamente um Brasil branco e europeu. Esse foi um dos termos centrais do lusotropicalismo. Dessa confluência inter-racial, inaugurou-se no Brasil, conforme o autor, um novo processo civilizatório que se estenderia a todos os espaços de colonização portuguesa. E para melhor justificar o sentido da instrumentalização do modelo explicativo freyriano pelo Estado salazarista, *Casa Grande e Senzala* sugere o português como herói colonizador, portador de um conjunto específico de práticas de colonização que o tornam único na experiência histórica das colonizações.

Assim, Freyre retratara o português como um já mestiço, inaugurando um novo processo civilizatório, se estendendo a todos os espaços de colonização portuguesa, sugerindo o português como um herói colonizador, que portava um conjunto de práticas de colonização muito específicas, possibilitando uma experiência ímpar de colonização.

A interpretação de Freyre é considerada, por muitos estudiosos do tema, historiadores, como Schwarcz (2000) como uma obra inovadora, mas também muito controversa, pautada na construção da identidade nacional com ênfase para a importância da interação entre portugueses, indígenas e africanos na formação da cultura brasileira. A obra inovadora por destacar a contribuição indígena e africana na formação cultural brasileira, peca ao idealizar a miscigenação como solução de problemas sociais no Brasil e tornar amena a violência empreendida na colonização.

Nesse sentido, estudiosos ao longo do tempo vêm refutando essa ideia de colonização e miscigenação de Freyre, apontando que não ocorreu uma integração harmoniosa, mas sim pautada em violência, Schwarcz (2002) refuta a ideia de Freyre destacando que a miscigenação muitas vezes ocorreu no contexto de um sistema escravocrata que perpetuava desigualdades de poder e exploração, inclusive traz um ponto importante de observação que o contato das mulheres indígenas e negras com os colonizadores, sendo que este contato muitas vezes era de exploração sexual e em situações de violência extrema.

Ainda nesse contexto, Barreto (2019) analisa a conexão entre a obra de Freyre e as políticas coloniais portuguesas, destacando como sua abordagem culturalista foi instrumentalizada para encobrir a exploração e o controle dos portugueses no Brasil, promovendo a imagem de um colonialismo benigno, civilizador, que na verdade mascarava a violência do sistema imposto.

Melo (2009) concebe na obra *Casa Grande & Senzala* de Freyre uma dualidade, em que ele teria buscado o equilíbrio no plano da cultura no que tange a colonização do Brasil, em que traz avaliações positivas, para tanto argumenta ricamente sobre paradoxos, equilibrando antagonismos.

Passagens de *Casa Grande & Senzala* exemplificam a visão de Freyre sobre a influência cultural e social dos africanos e indígenas na formação do Brasil, como:

Todo brasileiro, mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo - há muita gente de genipapo e mancha mongólica no Brasil - a sombra, ou pelo menos a pinta do indígena e do negro. No litoral, do Maranhão ao Rio Grande do Sul, e em Minas Gerais, principalmente do negro. A influência direta, ou vaga e remota, do africano. Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho de pé de uma cocqueira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da

cama de vento, a sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo (Freyre, 2003, p.301)

Todo brasileiro a quem Freyre se refere era o homem branco, o homem da casa grande, a influência africana a mulher que nela trabalhava, a mulata que iniciou o homem em sua vida sexual, imagens construídas a partir de uma perspectiva de classe e gênero.

Observa-se que mesmo que a obra de Gilberto Freyre tenha sido aclamada e considerada inovadora por toda a sua abordagem acerca da contribuição dos indígenas e negros na formação da cultura brasileira, seu papel na construção da identidade nacional, ela traz uma tendência a generalização, uma linguagem romantizada, sendo ausente uma análise crítica e estruturada das dinâmicas de poder, pois todo o processo de miscigenação e sincretismo que Freyre destaca, o excepcionalismo português na verdade são questões muito complexas, devendo ser considerada toda violência e exploração do processo.

### **3.2 A Violência e a Banalização da Escravidão**

O aspecto que mais chama atenção na obra de Freyre, *Casa Grande & Senzala* e que provoca discussões é a maneira como este apresenta a escravidão no Brasil e constrói sua narrativa e esse respeito, de modo que esse aspecto é amplamente criticado por amenizar a escravidão no Brasil, trazendo uma visão até mesmo romantizada desta. O sistema escravista é marcado por violência e brutalidade, aspectos negativos, mas que na obra de Freyre tem uma narrativa secundária, levando a desconsiderar consequências sociais do período.

A história da escravidão no Brasil revela uma história marcada por privações extremas e resistências à opressão. A violência física e psicológica foi uma constante na experiência dos escravizados, que eram tratados como mercadorias e destituídos de sua humanidade. No entanto, Freyre traz uma visão romantizada da relação entre senhores e escravos, que acaba por ignorar as resistências cotidianas que os escravos empreenderam e as revoltas que se deram no período colonial.

Compreendendo a escravidão no Brasil, assim como nos outros países da América Latina, Klein e Vinson (2015) ressaltam que esta relacionava-se com economia açucareira e do sistema de grande lavoura que se alicerçou e que foi marcada por um conjunto de decisões e ações não só dos europeus, mas também dos indígenas e africanos e que mostra que a sociedade brasileira se constituiu como uma sociedade escravista, pela predominante forma cativa do trabalho, mas também pelas distinções jurídicas que se estabeleceram entre escravos

e livres, seus princípios eram hierárquicos e baseados na escravidão e na raça, pela forma como agiam os proprietários diante daqueles que socialmente eram inferiores.

Restall (2006) ressalta que os escravos ficaram com a mão de obra pesada na economia que se desenvolveu na América Latina, contudo, alguns exerceram serviços domésticos e outros muitas vezes eram auxiliares pessoais dos dominadores, alguns eram servos armados, alguns chegavam a conquistar a liberdade.

A escravidão dos negros pareceu mais propícia do que a dos indígenas, pois como destaca Bruit (1993) os indígenas resistiram ao colonizador, mesmo diante das condições que se apresentavam, eles boicotaram os colonizadores da forma como puderam. Enquanto a escravidão do negro africano foi mostrando-se uma atividade cada vez mais vantajosa para os europeus.

Os europeus já tinham experiência com a escravidão africana no Caribe e então estabeleceram o modelo que seria seguido no continente Americano, onde eram vendidos a alto custo, sobretudo, nas áreas mais remotas, usados em campos auríferos, na agricultura comercial, na infraestrutura de comunicações. Executando diversas atividades na América, os escravos constituíram-se em elementos significativo para a colonização e inquestionável para o desenvolvimento econômico.

Rediker (2011) destaca que os povos africanos não se entregaram pacificamente a escravidão, sabemos que estes empreenderam tentativas de resistência ao sistema ao longo da História. O fato é que a escravidão foi uma das instituições mais cruéis e duradouras da história da humanidade. Os escravos trabalhavam em condições precárias e sofriam diversas formas de violência e opressão. Eles eram submetidos a longas jornadas de trabalho, recebiam alimentação insuficiente e viviam em habitações precárias. Além disso, eram punidos com castigos físicos severos, como açoites e torturas, sempre que desobedeciam aos senhores de escravos, de modo que quanto mais se queixavam e desobedeciam mais cruéis eram as formas de repressão.

Nesse contexto Chalhoub (1990) destaca a centralidade da violência como ferramenta de dominação e afirma que os relatos de viajantes europeus e documentos oficiais da época indicam que a convivência entre brancos e negros estava longe de ser harmônica, sendo frequentemente mediada pela coerção e pelo racismo.

Apesar dessas condições adversas, os escravos desenvolviam diversas formas de resistência e rebeldia, tais como a fuga, a formação de quilombos e a sabotagem do trabalho. Essas formas de resistência eram importantes para questionar o poder dos senhores de escravos e para manter viva a esperança de liberdade.

A face da escravidão, no entanto, é trazida por Freyre sob outro prisma, com um olhar bem mais ameno sobre esta, com experiências afetivas com os brancos, buscando destacar a posição do negro na sociedade brasileira:

Sempre que considerarmos a influência do negro sobre a vida íntima do brasileiro, é a ação do escravo, e não do negro per si, que apreciamos. Ruediger Bilden pretende explicar pela influência da escravidão todos os traços da formação econômica e social do Brasil. Ao lado da monocultura, foi a força que mais afetou a nossa plástica social. Parece influência de raça o que é influência pura e simples do escravo: do sistema social da escravidão. Da capacidade imensa desse sistema para rebaixar moralmente senhores e escravos (Freyre, 2003, p.326).

Aqui Freyre traz o fenômeno racial, direcionando ao aspecto propriamente social, mas Freyre não traz o argumento da perversidade excessiva da escravidão, de sua capacidade de rebaixar moralmente os homens, utiliza a força de uma visão construtiva cultural, desviando do problema social que ela realmente é, idealiza e estiliza as relações sociais, celebra a mistura racial e deixa de lado a violência da escravidão, construindo um espaço para discutir a escravidão sem adentrar em responsabilidades históricas, repassando a ideia de uma escravidão em que os negros recebiam trabalho ofertado pelos colono.

Na obra de Freyre, segundo Melo (2009), há um realce de momentos harmoniosos e de conagração, em articulação com o antirracismo, buscando desmistificar estereótipos negativos sobre a escravidão, a presença do escravo na formação social brasileira, os escritos de Freyre, na perspectiva de Melo (2009) são uma forma de negar a existência de uma escravidão baseada em violência e elementos coercitivos.

Adentrando na obra *Casa Grande & Senzala* percebe que Freyre (1933) descreve a relação entre senhores e escravizados com um tom que, por vezes, minimiza a violência intrínseca do sistema escravista, enfatizando os aspectos de "convivência" e "harmonia". A escravidão é apresentada, então, como uma instituição fundamental para a configuração das relações sociais no Brasil colonial. Em que Freyre (1933) ressalta a formação de uma sociedade mestiça, resultante da interação entre colonizadores portugueses, povos africanos escravizados e populações indígenas. Contudo, sua análise recebe críticas por sua tendência a romantizar o sistema escravista, ignorando ou subestimando a violência cotidiana sofrida pelos escravizados. Para superar essa visão é preciso buscar as mais diversas fontes para analisar a escravidão no Brasil, registros do período, diferentes obras historiográficas.

De acordo com Freyre (1933) a convivência entre senhores e escravos nas casas grandes foi responsável por uma integração cultural que contribuiu para a identidade nacional.

Freyre reconhece que nessa relação existiu de violência física e psicológica, mas a ênfase é da obra é para a flexibilidade do patriarcalismo brasileiro, constituindo-se em um fator atenuante. Schwartz (2002) critica essa abordagem de Freyre, destacando como o sistema escravista foi mantido por meio de coerção brutal e controle social rigoroso, refutando esta ideia de patriarcalismo que não pode amenizar a violência e perversidade com que ocorreu a escravidão no Brasil.

Costa (1982) enfatiza que a escravidão teve como marca a violência física e simbólica no Brasil. O controle dos corpos e mentes dos escravizados era exercido por meio de punições corporais, humilhações públicas e regimes de trabalho extenuantes. Essa violência era de grande magnitude, contradizendo a versão amena e menos conflituosa, trazida por Freyre.

Para Alonso (2022) a banalização da violência no discurso de Freyre reflete a naturalização do sofrimento escravista na sociedade brasileira. Acredita que Freyre sugerindo que havia "afeição" entre senhores e escravos, acaba por obscurecer a hierarquia e a exploração subjacentes a essas relações, trata-se de uma abordagem perpetua a ideia de uma escravidão "tropical" mais branda, desconsiderando as experiências desumanizadoras vividas pelos escravizados.

Freyre contribuiu para a existência de um mito de harmonia racial, em que Alonso (2022) argumenta é uma narrativa que acaba por mascarar profundas desigualdades sociais que podem ser observada ainda hoje na sociedade brasileira, pois a escravidão, além de um sistema econômico foi um mecanismo de exclusão social, bem como de racialização que ainda tem influência na sociedade brasileira.

O que se observa é que Casa Grande & Senzala é uma obra relevante no contexto da compreensão das origens da sociedade brasileira, mas a leitura se torna limitada porque ameniza a violência de escravidão, o que acaba por banalizar esse aspecto, sendo essencial superar essa questão, pois é valorizar as experiências vividas pelos escravos no Brasil.

### **3.3 Desconstruindo o Mito do Bom Colonizador**

A construção do mito do bom colonizador não está restrita ao campo acadêmico ela faz parte do imaginário popular, permeia as narrativas históricas oficiais. Essa idealização tem contribuído para a banalização das consequências da escravidão e para a perpetuação de desigualdades sociais e raciais no Brasil contemporâneo.

Nesse cenário Nascimento (2003) argumenta que a desmistificação do processo colonial é essencial para o enfrentamento do racismo estrutural. Ao desconstruir o mito do bom

colonizador, é possível evidenciar as dinâmicas de exploração e resistência que moldaram a história do Brasil e suas consequências no presente.

Na contemporaneidade, mesmo diante de tantos avanços e conquistas sociais, o racismo estrutural é um problema grave e que persiste na sociedade, fazendo muitas vítimas e endossando preconceito e violência no cenário brasileiro. O racismo estrutural é um conceito referente a um sistema de desigualdades e discriminação racial, enraizado nas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais de uma sociedade, não vem de ações individuais, mas está permeado nas instituições e nas relações sociais de forma sistemática, fundamentado na ideia de que certos grupos raciais são considerados superiores ou inferiores com base em características físicas e culturais que a eles são atribuídas.

Essas estruturas racistas perpetuam desigualdade ao longo do tempo e afetam diferentes aspectos da vida das pessoas como acesso à educação, ao emprego e à justiça dentre outros, difundindo a reprodução de padrões de privilégio e opressão ao longo das gerações. Dentro do sistema capitalista o racismo estrutural vem sendo permeado diante de disparidades econômicas e da perpetuação das desigualdades sociais provocadas pelo sistema.

Segundo Almeida (2019) o racismo é sempre estrutural, o que significa que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. De modo que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, não se compondo em um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade, fornecendo o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea.

Ao racismo é possível afirmar este como uma forma sistemática de discriminação que se fundamenta na raça, se manifestando através de práticas conscientes ou inconscientes que acabam por culminar em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo social ao qual pertence. O racismo é um processo político, isso porque, como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende do poder político, caso contrário seria inviável a discriminação sistemática de grupos sociais inteiros.

Toda essa questão do racismo que permanece enraizada na sociedade mostra a necessidade de revisar a obra de Freyre, pois é essencial que se entenda a escravidão como ela realmente aconteceu, as especificidades da relação entre os cativos e os colonos, a violência inserida nesse contexto.

Em Casa Grande & Senzala Gilberto Freyre (1933) descreveu colonizador português como adaptável e flexível na sua relação com os povos africanos e indígenas, contribuindo para formular um mito do bom colonizador, que era caracterizado pela suposta moderação e

capacidade de integração dos portugueses. Algo que ainda é difundido em Portugal na atualidade, bem como no Brasil e que costuma ser frequentemente contestado por os historiadores contemporâneos, haja vista este invisibilizar as violências e resistências que existiram no período colonial.

Freyre (1933) descreve os colonizadores como singulares em sua capacidade de adaptação aos trópicos, isso porque tinham uma convivência harmônica com as populações africanas e indígenas, resultando na miscigenação, fruto do colonizador português e sua benevolência se comparado a outros impérios coloniais europeus. Contudo, o colonizador português foi responsável por sustentar a colonização com o extermínio e deslocamento reforçado da população indígena, sendo que ao reforçar a cordialidade do colonizador português todas essas dinâmicas acabam sendo oprimidas por Freyre.

Dessa forma, Schwartz (2022) contesta a narrativa de Freyre e argumenta que o mito do bom colonizador colabora para perpetuar as desigualdades raciais e sociais, acreditando que a miscigenação não foi fruto de uma relação igualitária, mas do contexto de violência sexual, hierarquia racial e dominação econômica que se fizeram presentes no Brasil. Desse modo, a colonização foi romantizada na obra de Freyre, rejeitando a responsabilização histórica pela violência com que se deu à escravidão e promovendo a continuidade de estruturas de desigualdade.

Revisar criticamente Casa Grande & Senzala como tem destacado historiadores, como Emília Viotti da Costa e Schwartz, ajuda a mostrar como a colonização portuguesa se sustentou por meio de práticas sistemáticas de violência e controle, de modo que celebrada como elemento a harmonia da miscigenação, mas esta foi em muito resultado de relações coercitivas e desiguais.

É primordial desconstruir o mito do bom colonizador, compreendendo criticamente a história brasileira, de modo que o papel do colonizador português não pode ser romantizado, não se deve contribuir com a perpetuação de uma visão distorcida das relações de poder e violência que foram base do sistema colonial. Ao longo deste estudo percebeu-se que as narrativas contemporâneas vêm promovendo uma análise mais honesta da colonização e miscigenação.

A reavaliação crítica da obra de Gilberto Freyre permite um entendimento mais complexo e realista da história colonial brasileira. Ao destacar as relações de poder, a violência e os impactos duradouros da escravidão, a historiografia contemporânea oferece uma visão mais abrangente e crítica do período colonial. Essa abordagem não apenas

desconstrói o mito do bom colonizador, mas também contribui para a construção de uma narrativa histórica mais inclusiva e comprometida com a justiça social.

Portanto, reconhecer as limitações da abordagem de Freyre é essencial para avançar no debate sobre as consequências da colonização e da escravidão no Brasil. A permanência das desigualdades raciais e sociais na contemporaneidade reflete a necessidade de revisão crítica das interpretações que romantizam a colonização e minimizam a violência do período escravista. Somente a partir dessa compreensão crítica e da valorização das vozes historicamente marginalizadas será possível construir uma sociedade mais justa e igualitária, consciente dos erros do passado e comprometida com a superação das desigualdades estruturais que ainda persistem.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo foi empreendido com a intenção de analisar de forma crítica a obra *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, com ênfase para a construção do mito do bom colonizador e a banalização da escravidão e como estes influenciaram a compreensão da formação da sociedade brasileira. Na construção dessa pesquisa, foi possível notar a relevância da obra *Casa Grande e Senzala* na historiografia nacional, destacando suas inovações metodológicas e narrativas, mas o estudo evidenciou suas limitações, isso porque Freyre tratou de forma romantizada e harmônica questões fundamentais como a colonização e a escravidão.

Assim, a discussão demonstrou que Freyre construiu sua narrativa sobre a miscigenação e a integração cultural, minimizando os aspectos de violência e exploração intrínsecos ao sistema escravista. De modo que sua abordagem contribuiu para perpetuar uma visão idealizada do colonizador português, deixando elementos como a violência e a resistência da escravidão a margem de sua discussão, em que a cordialidade, o patriarcalismo teriam se sobressaído, negligenciando a forma como aconteceu de fato a escravidão, com toda a violência e perversidade que estudos demonstraram ser sua marca.

A partir da revisão da literatura historiográfica contemporânea, foi possível identificar esforços significativos para desconstruir o mito do bom colonizador e problematizar a visão de Freyre. Estudos mais recentes enfatizam a necessidade de revisitar a história colonial brasileira com um olhar crítico, reconhecendo a violência, a exploração e a resistência que caracterizaram as relações entre colonizadores, escravizados e indígenas. Assim, revisar a obra de Freyre é indispensável para que se faça jus a formação da identidade brasileira, sendo mais realista com a escravidão e suas consequências.

O estudo apontou, também, que a idealização presente em *Casa Grande e Senzala* tem repercussões além do campo acadêmico, de modo que colaboram para perpetuar desigualdades e o racismo estrutural na sociedade contemporânea. A análise crítica dessa obra, portanto, contribui para o avanço do conhecimento histórico e para o conhecimento de elementos que colaboram com a construção de uma sociedade mais consciente de suas heranças históricas e comprometida com a justiça social.

Acreditamos que este trabalho reforça a importância de revisitar os clássicos da historiografia brasileira, como *Casa Grande e Senzala*, diante de novas abordagens e

perspectivas. A desconstrução do mito do bom colonizador e a valorização das vozes silenciadas pela narrativa tradicional é fundamental para uma compreensão mais completa e justa do passado e suas implicações no presente. O compromisso com a verdade histórica junto a a uma visão crítica e inclusiva, é indispensável para o fortalecimento do papel social da história e para o enfrentamento das desigualdades ainda presentes na sociedade brasileira.

Dessa forma, esperamos que novos estudos possam surgir sobre o tema, trazendo olhares para a historiografia e corrigindo possíveis injustiças em narrativas históricas, contribuindo para que seja possível o avanço da história e o respeito a todos os sujeitos que fazem parte dela e suas trajetórias.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BARRETO, L. O Luso-Tropicalismo como Ideologia do Colonialismo Português. **Revista História e Sociedade**, 41, pp. 45-62.2019.
- BARRUCHO, Luis. **Ensino de História em Portugal perpetua mito do 'bom colonizador' e banaliza escravidão, diz pesquisadora**. 2017. BBC. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40735234>> Acesso em 26. Set. 2020.
- BORELLI, Bruna. **Portugal ainda ensina o mito do “bom colonizador”**. Gazeta do Povo. 2024. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/portugal-ainda-ensina-o-mito-do-bom-colonizador-84fksmzr8jbxu3pkxsqd9kwc7/>. Acesso em: 25.jun.2024.
- BRUIT, Héctor Herman. O Visível e o invisível na conquista hispânica da América. In: KOSSOVITCH, Elisa Angotti. Caderno CEDES 30- a conquista da América. Campinas, SP: Papyrus. 1 Ed. 1993. 77-101.
- CORDEIRO, Anderson dos Santos. **Gilberto Freyre e a interpretação da mestiçagem em Casa Grande e Senzala**. 2022.52f. Monografia (Graduação). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2022.
- FERREIRA, Gabriela Nunes. A formação nacional em Buarque, Freyre e Vianna. **Reformas**, Lua Nova, n.37, 1996.
- FONTELLA, Leandro Goya Fontella; FARINATTI, Luís Augusto Ebling Farinatti. Acomodação, Negação E Adaptação: Debate Historiográfico entre Gilberto Freyre, Jacob Gorender e a Historiografia do Escravo Real (Historiografia Da Escravidão No Brasil). **Disc. Scientia. Série: Ciências Humanas**, S. Maria, v. 9, n. 1, p. 121-140, 2008.
- FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Gilberto Freyre**. 2021. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/gilberto\\_freyre/](https://www.ebiografia.com/gilberto_freyre/). Acesso em: 03.fev.2024.
- FREITAS, Marcos Cezar de. Para uma história da historiografia brasileira. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2005.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global. 1933.
- FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Edição crítica de Guillermo Giucci, Enrique Larreta, Edson Fonseca. Paris: Allca XX, 2003.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de**

**Empresas – RAE.** São Paulo, V. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

KLEIN, Herbert; VINSON, Ben. “O estabelecimento da escravidão africana na América Latina no séc. XVI”. **A escravidão na América Latina e Caribe.** Brasília: Editora da UNB, 2015, pp. 37-107.

MELO, Alfredo César. Saudosismo e crítica social em Casa grande & senzala: a articulação de uma política da memória e de uma utopia. **Vozes do Nordeste • Estud. Av.**, v.23, n.67, 2009.

MOSCATELI, Renato. Um redescobrimto historiográfico do Brasil. **Revista de História Regional.** v. 5, n 1, p. 187-201, 2000.

NOVAIS, Fernando. **Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808).** São Paulo. Hucitec. 1979.

PINTO, João Alberto da Costa. Gilberto Freyre e a intelligentsia salazarista em defesa do Império Colonial Português (1951 - 1974). **Dossiê: Império Português História,** v.28, n.1, 2009.

POLLAK, Michael. Memórias e identidade social. **Estudos históricos.** Rio de janeiro, V.5, nº 10, p. 200-215, 1992.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo.** São Paulo: Editora Brasiliense. 1942.

QUINTAS, Amaro. **Gilberto Freyre e a Historiografia Brasileira. Universidade Católica de Pernambuco.** S/A. Disponível em:

[mhnlakgilnojmhinhkckjpnpcpbhabphi/pages/pdf/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Fcore.ac.uk%2Fdownload%2Fpdf%2F268316722.pdf](https://mhnlakgilnojmhinhkckjpnpcpbhabphi/pages/pdf/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Fcore.ac.uk%2Fdownload%2Fpdf%2F268316722.pdf). Acesso em: 12.jun.2024.

RESTALL, Matthew. “Guerreiros invisíveis: o mito do conquistador branco”. In: **Sete Mitos da conquista espanhola.** São Paulo, Civilização Brasileira, 2006, pp. 86-124.

SANTOS, Camilla Ramos dos; ROCHA, Marlúcia Mendes da; CARVALHO, Isaías Francisco de. Casa-Grande & Senzala: A Escrita Literária Do Sociólogo Que Disseminou Um Mito Nos Anos 1930. **Interdisciplinar,** Ano XI, v.25, mai./ago. 2016.

SCHWARCZ, L. M. **Retrato em Branco e Negro: Jornais, Escravos e Cidadãos em São Paulo no Final do Século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras.2022.

SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. **Tempo social.** v.12, n.1. Maio. 2000.

SOUZA, Laura de Mello e. Política e administração colonial: problemas e perspectivas. In: SOUZA, Laura de Mello e; FURTADO, Junia Ferreira; BICALHO, Maria Fernanda. **O Sol e a Sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.63-89.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRÔNICA DE  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA  
BIBLIOTECA**

**1. Identificação do material bibliográfico:**

Monografia [ ] TCC Artigo

Outro: \_\_\_\_\_

**2. Identificação do Trabalho Científico:**

Curso de Graduação: Licenciatura em História

Centro: Campus Senador Helvídio Nunes de Barros

Autor(a): Nádia Rocha Leal

E-mail (opcional): nadiarochoa963@gmail.com

Orientador (a): Francisco Gleyson da Costa

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Membro da banca: Nadia Narcisa de Brito Santos

Instituição: Universidade Federal do Piauí

Membro da banca: Anderson da Silva Machado

Instituição: Unidade Escolar Nossa Senhora dos Remédios

Membro da banca: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Titulação obtida: Licenciada em História

Data da defesa: 23/01/2025

Título do trabalho: CASA GRANDE E SENZALA: o mito do bom colonizador e a banalização da escravidão na visão harmoniosa de Gilberto Freyre

**3. Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:**

Liberação para publicação:

Total:

Parcial: . Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: \_\_\_\_\_

.....

### TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado\* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local:Picos-PI Data:29/maio/2025

Assinatura do(a) autor(a): \_\_\_\_\_

\* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).